

fonte: 73 class.: 399

data: 25/3/95 pg.: 2 / Ideias - Revistas

Jesuítas, infiéis e indígenas

Integrantes da Companhia de Jesus descobriram a cultura chinesa e catequizaram os guaranis

Arquivo

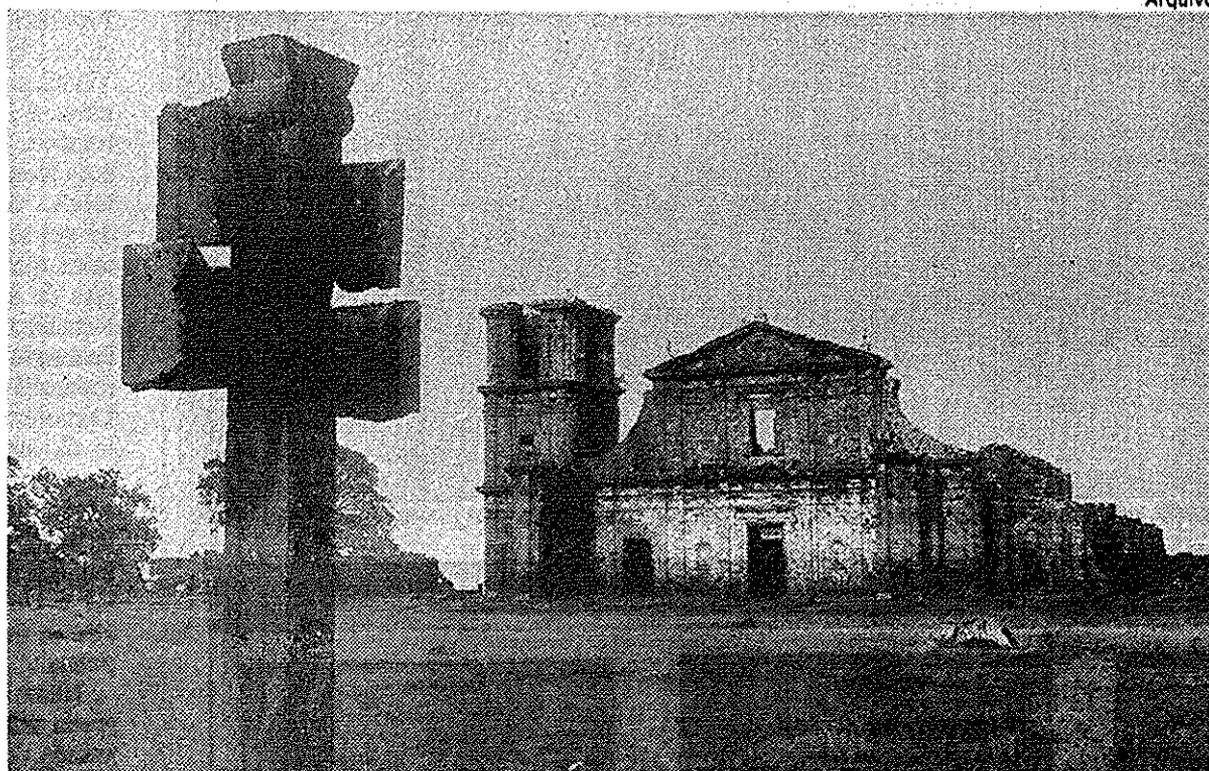
De todos os personagens saídos da Companhia de Jesus talvez nenhum seja tão fascinante quanto o italiano Matteo Ricci, tema aliás de outro livro, *O palácio da memória de Matteo Ricci*, de Jonathan Spence (Companhia das Letras). Convocado a seguir os passos dos primeiros missionários a pregarem na China, Ricci foi mais longe do que qualquer outro ocidental no domínio do idioma. "A língua falada está sujeita a tantos equívocos que muitos sons significam mais de mil coisas", escreveu a um superior. Sem abrir mão de seu fervor missionário, o jesuíta soube se curvar aos encantos da civilização chinesa. "A China é a coisa mais importante e mais rica de todo o Oriente, onde ela supera todos os outros reinos. Assemelha-se bastante em certos pontos à riqueza e perfeição de nossa Europa, e em muitas coisas inclusive a ultrapassa".

Este entusiasmo pela cultura dos *infiéis*, sua curiosidade, o registro cuidadoso dos hábitos e tradições dos chineses fazem de Matteo Ricci a mais perfeita encarnação do jesuíta que o livro de Lacouture se esforça em revelar. Longe de reduzi-los a condição de religiosos fanáticos, o escritor quase eleva estes padres à condição de pioneiros da etnologia e da antropologia.

Cartógrafo, Ricci soube adaptar seus conhecimentos à nova situação. Quando os chineses ficaram chocados ao ver seu país relegado a um canto do *mapa mundi*, o jesuíta — antes de tudo um diplomata — produziu rapidamente uma nova versão em que o império aparecia, convenientemente, no centro.

Mas nem sempre o destino dos jesuítas foi decidido por uma diplomacia tão sutil. O capítulo mais dramático do livro de Jean Lacouture aborda as missões dos jesuítas junto aos índios guaranis na América Latina entre os séculos 17 e 18. As intrigas políticas entre Espanha e Portugal levariam à destruição do único empreendimento da Companhia visto com bons olhos até por seus adversários iluministas.

Se os nomes de jesuítas como Bartolomeo de Las Casas e Anto-



As ruínas das missões jesuíticas no sul do Brasil marcam o alcance da obra realizada pela Companhia

O jornalista Lacouture

Considerado um dos grandes nomes do jornalismo francês, Jean Lacouture consolidou sua carreira nas páginas da imprensa de esquerda, em jornais como *Le Monde* e revistas como *Le Nouvel Observateur*. Hoje com 72 anos, autor de mais de 30 livros, ele tem se especializado em escrever biografias, a mais famosa delas dedicada a Charles De Gaulle, publicada em três grossos volumes em 1990. O fato de ter sido educado num *collège* jesuíta não foi a única circunstância a tornar o jornalista o autor ideal de uma história da Companhia de Jesus. Ao longo de sua carreira, em que atuou como correspondente em várias guerras, Lacouture pôde se familiarizar com muitos países do Terceiro Mundo por onde os jesuítas espalharam seus agentes e sua mensagem. O jornalista tornou-se famoso por suas reportagens sobre a guerra do Vietnã



Lacouture esteve no Vietnã

nã e as convulsões da China maoísta. Longe de se contentar com uma visão superficial destes países, Lacouture acabou adquirindo um conhecimento sobre a cultura e sociedade asiáticas raro em ocidentais. Suas opiniões de esquerda também lhe abriram muitas portas: era do tipo que sempre conseguia temperar seus livros e reportagens com observações colhidas num jantar com Chou-En-Lai ou conversas de pé de ouvido com Ho-Chi-Min.

nio Vieira são familiares aos que se interessam pela história dos índios sul-americanos, Lacouture lembra em seu livro o papel desempenhado por padres menos conhecidos, como Antonio Ruiz de Montoya. Este foi o guia de cerca de 30 mil guaranis no seu êxodo através de 800 quilômetros para escapar aos bandeirantes em 1629. Em mais de cem dias de marcha pela selva, os índios amontoaram-se em 700 barcos e balsas construídos por ordem de Montoya. Depois de percorrerem 300 quilômetros ao longo do rio Paranapanema, ele guiou os guaranis para se esgueirar entre as falésias e irrem além das cataratas de Iguazu, um obstáculo intransponível, pensavam eles, para os *paulistas* que perseguiam os povos das missões.

Episódios heróicos como este não impedem Lacouture de levantar o debate atual sobre os limites da obra dos jesuítas na América Latina. Afinal, os mesmos religiosos que protegeram os índios da escravidão e ajudaram a conservar a língua guarani, foram os responsáveis pela sua aculturação e pelo desaparecimento de muitos de seus costumes. Alimentando um debate que está longe de ser encerrado, o autor deixa no ar a pergunta: teriam os jesuítas cometido um *etnocídio* para evitar um genocídio? (C.F.)

Adriana Lorete — 11/10/90